

O PÃO

DA PADARIA ESPIRITUAL

AMOR E TRABALHO

Director—ANTONIO SALLES.

Gerente—SABINO BAPTISTA

ANNO II

Fortaleza, 15 de Dezembro de 1895.

NUM. 30

EXPEDIENTE

Assinaturas por um trimestre 2\$000

Numero avulso. 500

Pagamentos adiantados.

O Pão publica-se duas vezes por mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao nosso gerente, a rua do Major Facundo n. 4.—Ceará.

SUMARIO. — Os quinze dias, Moacyr Jurema; — *Deusa cecida*, Sabino Baptista; — *D. Guidalinda da Poça*, Oliveira Paiva; — *O Leproso*, Rodolpho Theophilo; — *Carta aberta*, Antonio Salles; — *Maahã*, Manoel Lobato; — *Uma familia comantica*, José Carvalho; — *Tristeza das arvores*, Antonio Salles; — *Jose de Alencar*, Arthur Theophilo; — *Recordações*, Antonio do Castro; — *Histographia*, M. J.; — *Rapto*, M. R.; — *Imprensa litteraria*, Satyro Alegrete; — *O somno do coração*, Lívio Barretto; — *Casteira*.

Os quinze dias

Desde 1.º de Janeiro do corrente anno que *O Pão* se publica regularmente duas vezes por mez, e cumpre o seguinte numero completar um anno de existencia da sua segunda phase.

O que nos tem custado levar a cabo esta tarefa só Deus e nós sabemos.

Perdão: creio que o nosso amavel editor tambem conhece alguma coisa do assumpto porque não lhe são extranhas as difficuldades com que luctamos para não lhe defraudarmos as rendas.

Só na força de vontade que chega ás vezes ao sacrificio tem podido extirpar nossa revista a acção dissolvante do utilitarismo illostrado e indifferente ás manifestações do espirito.

Ao nosso lado temos visto fenecearem publicações congenereas, a despeito dos esforços empregados para sustental-as.

O apoio publico, na sua proverbial inerçia só nos tem assistido á custa de requisições ineficazes e nunca esmorecidas.

A desconfiança resultante da ephemeridade das revistas litterarias, não nos attingiu felizmente, porque a nossa pontualidade a repelle, dando lugar á convicção de que estamos ao abrigo de certos desastres tão communs nesta dolorosa jornada.

A nossa perseverança já vai dando seus fructos: a opinião publica responde a ella com a concessão de favores que, si não são dictados pelo enthusiasmo, são ao menos a affirmação do nosso valor.

Isto quanto ao apoio pecuniario; quanto ao apoio moral, este tem sido, para honra nossa, prodigo de compensações e de estímulos.

A parte alguns logares que demoram além das fronteiras da civilisação nacional, todo o paz nos conhece e nos anima.

Os principaes diarios e revistas nos visitam, e as visitas que lhes fazemos são registradas em termos captivantes e gentis.

Muitas das melhores pennas brasileiras e algumas estrangeiras tem periustrado as nossas columnas, onde fulguram joias litterarias de valor precioso e de valor real.

Rara é a obra que apparece na Capital ou nos Estados que não nos seja offerecida pelo seu auctor com dedicatorias honrosas.

A remessa da nossa revista é vivamente solicitada por todas as sociedades litterarias que se vão organisando e pees publicações que saem.

Finalmente, não nos tem faltado o calor da sympathia publica nem motivos de satisfação para a nossa vanidade — um fraco que toda a gente, tem mas que nem toda a gente confessa ter, seja, embora um sentimento nobre e legitimo, quando assenta em bases honestas.

Seria, pois, offensa a Deus o queixarmo-nos da sorte.

Mezmo porque isso de sorte e as mais das vezes o modo expatorio dos nossos erros.

Utopismo e quasi sempre synonymo de inepcia.

Mã estrellia é um euphemismo de que se valem os nulos e os maos.

Verdade seja que nenhum poder humano pode prever ou obstar os golpes do acaso, tão terribes ás vezes.

E foi assim que dois desses soffrimos-nos no correr deste anno — e dolorosismos que foram.

Em curto espaço de tempo a morte nos arrebatou successivamente Xavier de Castro e Lívio Barretto, qual mais talentoso, qual mais querido por todos nós.

Como uma farpa de lança que nos ficasse cravada na alma, a lembrança delles ainda nos doe e ha de doernos emquanto não lhes formos fazer companhia no grande seio da Nada.

Bons e leaes camaradas! A cada manifestação de vida da nossa phalange a

falta delles avulta, avoluma-se como um disco de crepe sobre a nosso estandarte.

Ao concerto das nossas vozes faltam aquellas duas notas — uma petulante, jovial, hilariante, fremente e meiga, outra dolorida, apaixonada, soluçante como a entoar o requiem da propria alma.

Mas é preciso viver, pois que nascermos e viver como homem de espirito e do coração.

Sendo o Trabalho uma consequencia do Amor, porque entendem Jehovah oppor ao fioso o Tormento (no que andon avisadamente porque muito doce torna afinal a buca azeda) nos vamos trabalhando para termos o direito de amar e ser amados — que é a coisa melhor que ha neste pretencioso e minuscuro planeta.

E como o riso é a manifestação mais formal e mais espontanea da intelligencia humana, nos somos um bocado alegres e lamentamos de coração as tristes circumstancias que entendem que a carriera e característica do descanço e superioridade.

Que lhes preste a mascara travalhuda que ajustam para disfarçarem as vozes a seriedad intima que lhes falta.

Nos rimos sempre que não ha motivo para chorar: se a vida é severa e triste enfeitamos-a com o riso, com isso o fado a loteria de uma existencia preta com uma rosa de colorido alegre e de perfume singestivo do pensamento feliz.

A alegria não prejudica o trabalho antes o auxilia e amenisa.

O cavonqueiro, o rachador o calceteiro, o lavrador, puchador de roda e outros operarios que se entregam a trabalhos rudes, costumam cantar enquanto agitam os braços na fuma da sabida.

Que consolo e que auxilio não lhes são as trovas que modulam.

Nos tambem rimos mas trabalhamos.

Ahi estão as *Trovas do Norte*, as *Uramos* e os *Brilhantes* que não nos deixem mentir.

E demais, para affirmação da nossa actividade não é preciso mais do que chamar a attenção para o numero 30 que se vê no alto da nossa edição do hoje.

E como agloria deste successo pertencem em partes iguaes a nós e ao publico venha de la case abraço e não se esqueça de mandar-nos algumas centenas de assignaturas do festa.

Moacyr Jurema.

Deusa exilada

Ao MELLO REZENDE

Filha das brancas plagas do Iracema
Ella é um modelo de mulhór bonita:
O seu todo resume uma infinita
Graça que encanta, uma atração suprema.

No seu olhar, onde a doçura habita,
Boia a mais pura e branda luz terrena;
Busto de estatua olympica, serena.
Lembra uma santa, uma visão bem dita...

Quando ella passa desdenhosa, ufana
Como uma Deusa, altiva e soberana,
Pela Avonida, — onde roluzem gulas, —

Palpitam corações de entusiasmo
E emocionadas, tremulas de pavor,
As multidões, vencidas, lhe abrem alas!

Ceará—4—12—95.

SABINO BAPTISTA

D. Guidinha do Poço

(CAPITULO QUARTO)

Era o mez de Março, passado um anno.

Por sobre a casimira verde das bel-droegas polvilhavam-se constellações deslumbrantes de mica ao sol nascente. No pé do alto a herva affagava o velame, ressequido pelo tremendo verão de dois annos, em abrochoamento de lá, e o sol, a sahir por detrás das collinas produzia sombras no intimo da infinita canuda de frondes vivissimas, que enrobria a terra com uma soberbia de victoria. Os picos amanheciam logo enfiados em collarinho de nevoas. A pastagem era uma immensa pellicia. As formigas de aza, com as cambiações da madre-perola, á luz baça dos alvos dias de neblina, salpiçavam a mandra fulva e remexida dos formigueiros revoluzionados pelas aguas novas. E o gaitar dos novilhos como que a imprimir por todo um impulso masculino. A voz não andava agora de ponta calida, mas com um balauçado de cabeça, com um domo de femer nubil. Nos curraes, onde desde o ultimo de Junho, a bem dizer não corriam os paus de porteira pelos buracos dos moirões, recolhiam todas as tardes as vacas a impar de abastança.

No dia 16 de Março poz-se á mesa o primeiro queijo. Em Janeiro havia dado umas chuvinhas, fugaz esperança que não davam para segurar o pasto. E a habagem, foi arrebeitar e logo sumir-se outra vez, na casca estorricada que cabia dos galhos nús. A cordara e de novo adormecera a natureza. Agora ora mesmo um despertar de creança com saúde.

Era domingo aquelle dia.

Ao quebrar das barras, Quinquim montara a cavallo para a villa, a ouvir a sua missa. Levava um crionlo com umas cargas de malas, para fazer feira; precisava de alguns generos mais vaqueiros para sortir a desperaça: nos outros annos quasi não era necessario ir comprar os no povoado, porque pela estrada passava de um

tudo: mas n'aquelle, o transito havia ja diminuido por causa da falta de pasto e de cavaladuras, e pelo pouco que apparecia podiam um preço de esfolar, embora fossem vender o mesmo genero mais barato na primeira feira onde arriassem o comboio.

Margarida ergueria-se tambem cedo para tornar os dias longos, no goso do novo inverno, como si o herrar das vacas no curral fosse para ella uma novidade, como si o perfume do matto verde pela primeira vez lhe acordasse os desejos. Foi, ainda com escuro, ao banho no rio, que ja estava baixando. Ao voltar tomou café, e seguiu para ver tirar-se o leite.

Não parecia contar já os seus trinta e cinco annos de idade. Os cabellos de um castanho encrespado, liso, dextra, com umas risadas que pareciam ecoar pelos proximos serrotes pelludos de frondagens. Segundo o uso do tempo, estava de saia e calção: o ar morno da manha de inverno circumdava-lhe o collo e braços nus: ao pescoço um rosario de ouro. Sem meias, calçava em casa os seus chinellos de buzero noutro, com debruns de marroquim verde-lho: mas para o campo usava tamancos com o rosto de panno grosso.

Subio pelos paus da porteira — en-diabrada que sempre foi — como por uma esxada de pedreiro, e foi sentar-se em cima, no grosso pranchão que liga os moirões á guisa do padieira de porta.

Bello panorama! O lado para onde ficava o rio distinguia-se por uma faixa que principiava e acabava com o horizonte.

Ahi, era de' quando em vez, passar um branco voo de garga. O matto encobria tudo, como que a velar os poderes da terra fecundada. Lá em um ponto, um rochedo alvejado pela humidade ao sol, abria uma clareira. Acólá ficava tal serra, acólá tres campos. Em tal parte estava chuveando.

Onde estava o novilho rajado, o Munis? A vaca peito-duro não viera ao curral?

— Inhora não. Mode que esta noite vi nuyto gaitá pra Lagoa, respondia o vaqueiro, falando muito alto como costumam elles.

Uma creoula adiantava-se agora do meio das vacas, e apresentava a senhora uma cuita de leite espinoso.

— Eu quero o capueho, Luiza.

E gritou:

— Compadre despeje esta cuita no pote e me mande um capueho.

Dizendo isto, foi voltando novamente o olhar para o patco. Dando com um cavalleiro que se aproximava, acerescentou á surlina:

— Oh compadre, quem é aquelle que vem ali?

O vaqueiro poz-se na ponta dos pés:

— Não sei, inhora não... Mas, mode coisa que é gente de Pernambuco?

Margarida que a principio julgou ser algum conhecido, ficou contrariada.

Era tarde para descer da porteira, porque o homem, tendo vindo pelo

canto do cercado, apparecera quasi de sopetão.

Diante dos vaqueiros e dos escravos a Guida não fazia cerimonia: mas vendo encaminhar-se-lhe um cavalleiro de certa ordem, ficou solenemente agulhada: nem deseou, que este a bem dizer já estava a dois passos, nem ficar, que era improprio. Teyelogo um sentimento de revolta contra quem quer que fosse, o homem que assim a collocava em situação difficil!

— Deus dê bom dia... balbuciou o recém-vindo.

— Bom dia, murmurou ella, com uma cara não sei de quê, ao mesmo tempo passando-lhe um olhar investigador no typo, no seu arriero, n'as tres cargas que o acompanhavam. Havia de ser pessoa de categoria... Alguem moço que ia tomar arres... mas a sua apparencia... e com tres cargas de bahus...

— A senhora tenha a bondade de descalçar-me... titubou o rapaz, reparando no rosario de ouro.

Com certeza era alguma ricao extravagante fazendeira, pensava, das mo mitoraras no Ceará... alguma Feteosa. Ai não embriasse com elle! E o marido mandaria ali mesmo tirar-lhe o coito.

— Esta fazenda, minha senhora, pertencera por acaso...

— Vosmincé faça favor de seguir até a casa, que lá lhe responderão tudo, atalhou a senhora, aciendo felizmente um meio polido de afasta aquella presença importuna. Luiza, acompanhe este moço.

O viajante fez uma reverencia, tirando o chapéo e tocou para lá.

— Compadre, virou-se ella para o vaqueiro, quando o moço afastou-se, vá lá e veja o que quer, mande apcar, sirva-o do que for preciso, que até parece pessoa de civilidade...

Aproveitando o ensejo de dar-lhe as costas o cavalleiro, ella desceu apressadamente, fez uma grande volta por um chiqueiro de criação afim de recolher-se pela cozinha. E não tomou a cuita de espuma de leite.

Foi para um quarto de depositos, onde havia trastes velhos, molas, bahus, varios silhões finos e sellins de montaria de senhora: entrou a revistar um d'estes, que no dia anterior voltara do um emprestimo. Ouvia mais ou menos bem o que se passava lá fóra entre o vaqueiro e o viajante. Este pedia que lhe arrajassem um bocado de leite, que estava secco de vontade; por assim dizer não tocara em leite n'aquelle anno.

— Vosá Mercê não se offenda, mas primitta que lhe diga, meu amigo, que leite se vende é do Batistê pra baixo, respondeu o vaqueiro. Não vai ver a cuita de leite pra este moço? Vosmincé se apeie: o patrão está na villa mais porem a dona me otorizou a offerecer rancho a vosmincé.

— Muito obrigado, disse o moço, pondo o pé no chão. E virando-se para o cavalleiro:

— São Joaquim vá seguindo que eu já lhe pego. Antes de alcançar a villa, estou-lhe nos mocotós.

— Ainda faltam as outras cargas.

Olhe que é tres leguas grandes obtemperou o vaqueiro, e seus bur-

ros... a onca está como não como...

O cargueiro com prosapia:

— Não tenho medo d'isso, amigo. Estas mesmas não canham já não, dizem sabendo Joaquim Moreno não é esta a primeira vez que anda de viagem com esta gação de bicha, graças a Deus.

— Vá cagando, vá fazendo pouco em burro, pacholou o vaqueiro.

— Vem bem milhados, concluiu o Secundino.

E as outras cargas? perguntou o arceiro.

— Vá seguindo, homem, que eu espero por ellas.

O comboio, ostentando o chiqueiro, falia aos animaes e palmilha pelo caminho abaixo.

— Tã outra vista, senhor.

— Seja feliz, respondeu o vaqueiro.

Vinha o Nêo com a cuia de leite, e o pai entregando-a ao moço, reparando bem no seu todo de munhoiras:

— Que mal pringito, móde que vos-nicê, o negociante voador de fazenda e mudeza?

— Pergunta bom, mascateando por estes mundos. Descenbarquei no Aracaty...

Depois de uma pausa, pasmando, continuou o camponio:

— E' coraço munta? E' coraço, meu sinhosinho!

— Como assim?

— E' apois! S'enterrá por estes mundos de secca com carga de negocio, não ora eu, sen... Cumã é a graça de vossa morecê?

— Luiz Secundino de Souza Barroso, um seu criado.

— Criado seja de Deus... Mas cumã o derradeiro nome?

— Barroso.

— De Pernambuco?

— Da matia.

— Gentes, será parente de seu manjô? A móde que intê nas feição da uns ares? Quem sabe si não será?

— Como se chama elle?

— Joaquim Damião Barroso.

— Bateu! E' meu tio. Pôde pedir alvencas que atraz d'elle é que eu mudava. Os parentes por lá ha muito que não recebem carta d'elle e guia a villa suppondo que lá é que elle morasse.

— Abasta. Se arranche logo, que o por do sol elle riscar aqui no corteiro.

O Secundino tomou um folego de sua facção. Que felicidade! Deas... arceiro de corte.

Para ir perdendo a cerimonia, sem que o convidassom, foi sentar-se n'uma rede que ali estava armada no alpendre, a bater com o chicote no caso da bota enlameada.

Entretantes, uma voz fanhosa e compassada, mastigada por gengivas sem dentes pronunciou lá de dentro das moimbas:

— Sr. Antonio? Não deixe o moço ir-se embora. Faça elle se arranche.

Essa enviado, seu moço? En vouzê volta as cargas? Foi Deus em pringito pelo seu nome. E falem de cidade de mui.

E gri ou ao filho?

— Não! Vão mandá volta aquell-

las cargas! Não sabendo a timbador. Anda, home!

— Mas eu queria era ir ter logo a villa. O meu tio não está lá? — palleou o mercador.

— Tenha paciência. O' depois pringito que lhe diga que é asnera vos-nicê? ir assim levando ca e boga pelas pedras, como lá diz. Anda com isso, home! interrompeu-se gritando para o filho. Vae mandá logo volta essas cargas.

E de novo para o moço:

— Vos-nicê fira; são manjô vem logo, é milho; e mesmo mandam lá do dentro.

E quem é aquella que falou?

— E' sua D. Anginla, tia-avô da sua tia D. Guida.

— Minha tia? A senhora de meu tio? Aquella que encontrei no curral?

— Inhor sim, é sua D. Guidinha.

OLIVEIRA PAIVA.

O Leproso

A SABINO BAPTISTA.

A' sombra da floresta enverdecida,
Onde a alegre passarada faz seu ninho,
Descansava, quasi á margem d'um caminho,
As misérias ermentas d'esta vida.

Leproso infante! a pelle apodrecida,
O rosto em pús em forma de focinho!..
Mas alma sã p'ra mais sentir o espinho
Do mal, no peito abrindo-lhe a ferida...

E morto assim estar e sendo vivo!
Das borboletas na formosa idade
Sentir-se ao podre corpo estar captivo!..

Passam creanças rindo e elle chora:
Como ellas... sem teva mocidade
— Mas a alma d'elle n'un cadaver mora.

Alto da Bonança, 13 de Julho de 1895.

R. DOLIO T. THEOPHILO.

Carta aberta

A GARCIA REDONDO

Meu caro amigo. — Pelos jornaes que recebi de S. Paulo, d'essa sua grande e formosa terra, vi que o meu humilde nome andava rodando pelas colunas d'O Reporter e d'O Municipio, a propósito de um pretendo caso de plagio que ja fez aqui asdelicias de uns desaffectos que eu cultivo para que a minha vida nao desdise sem alguns travos que acedulem e sem algumas arestas que lhe quebrem a monotonia.

Como uma folha estacense O Reporter foi a um papelucho rellido em linguagem obscena e recheado dos mais abjectos insultos e outra mim basear um moito de daviada sobre a minha probidade litteraria.

E voce, meu querido amigo, com essa lealdade e com essa delicadeza que são o apanagio do seu honissimo caracter sahi ao campo para defender-me e para externar sobre o caso os conceitos do seu sã e lucidissimo caracter.

Essa espontanea e generosa protesta sua commove-me e torna-me or-

gulhozo do ter feito jus ao affecto de uma tao bella alma.

Depois do que disse voce em seu artigo, eu quasi que me julgo dispensado de dirigir a imprensa paulista a palavra que me dá O Municipio no longo commentario que faz.

O caso é muito simples e muito infame: A Ha é a resposta acanallada o torpo do dentista e fazedor de vivos Oscar Leal a um artigo que publicou o O Pao sobre as suas obras e a sua individualidade litteraria.

Não achando com que responder as minhas asserções nem de que accusar-me o cynico intuição mandou traduzir para o hespanhol o meu soneto *Visita Matinal*, poz-lho por barzo um nome qualquer e estampou-o com a traducção no pasquim de que fez larga distribuição por todo o Brasil.

O Reporter, si é, como penso, um jornal criterioso, deveria ter suspetado logo da procedencia de uma accusação inserta no pé de uma descompostura em linguagem indecentissima.

Parce-me que a penna accediada de um jornalista não deveria levantar d'aquelle acervo de supidades uma accusação que, como um cogumello venenoso, brota d'aquella esterqueira.

E nem uma accusação é, mas uma simples insinuação perfida, porque publica o meu soneto ao lado da traducção sem adduzir consideração alguma.

Existiam entretanto no artigo referencias ao sup. isto plagio, que foram retratadas na paginação, porque no exemplar d'A Pa que me foi remittido, acompanhava um esboço de composiçao gradado a um papel branco o que não figura no artigo.

Nesse trecho, retratado talvez por um restitudo de poder que ainda bagasse a alma infecta do meu detractor, este effama a attenção para os dois sonetos, ao passo que no pasquim, tal qual sabon, elle se limita a fazer notas a lapis.

Aé agora, meu caro amigo, eu so mentadamente me tenho referido a Pa, não quiz responder nem podera fazel-o porque seria preciso prostuir minha penna no escarpellamento da individualidade de Oscar Leal, um miseravel que a mais crassa e irrisua ignorancia renne as mais tristes qualidades moraes.

Uma unica resposta merece esse patife, e essa eu lá a darei quando o Over no aleuero do tacao da minha bota.

O que eu lastimo, meu querido amigo, é que os sentimentos de fraternal camaradagem que nos prendem a obrigarem a immiscuir-se n'esta questao para qual eu so tenho o desprezo que merecem as injurias de um louco ou de um chro.

Os sentimentos que deitaram a sua attitudo são punhados de toxas com que se envenenada mudezima, a qual merece de Deus não tem fatada ao bojo fronses de afflicto em que se consolo das asperozas e humilhações da vida.

Muito obrigado, meu amigo, posso assegurar-lhe que os baldios que se me arram são apenas o desabafado imbecillidade que so estorpe a...

seguir arrancar os dardos com que, a fit, negligentemente, eu lhe cravei o dorso puchydermal.

Este seu reconhecido amigo, humilde mas operoso oiroiro das letras cearenses, tem no corebro um cabedal de idéas suficientes para os seus gastos litterarios e não precisa pois, ir surripiar idéas de quem quer que seja.

A quem quer que me accuse de plagiário, pode dizer affrontamente que é uma injustiça, ou, como no caso d'A Pi, que é uma infâmia.

Mas o melhor é não dizer coisa alguma, porque a calúnia, a força de dar à lingua acabo por mordel-a, isto é—envenena-se com o proprio virus.

A calúnia,—parece-me que já disse isto em verso—é apenas uma mancha passageira que resulta da intercepção momentanea da luz da verdade á qual se antepõe a alma do calumniador.

Qualquer sopro impelle para longe a nuvem negra, e de novo a luz aclara completamente a alma pura.

Não temo a calúnia, nem acredito que ella resista ao attrito dos annos.

Assim, meu caro amigo, aceite um abraço de profundo reconhecimento e faça-me o favor de não perder o seu tempo tão precioso em rebater acusações que apenas merecem o desprezo e mais activo e digno.

Seu deveras,

ANTONIO SALLES.

14—Dezembro, 95.

Manhã

Vão se extinguindo estrelas... E nenhuma Ficon no céu das meigas sentinellas: Do horizonte fugiram como as velas E no azul se apagaram como a espuma

A deusa da floresta acorda e fuma O incenso matinal. Pelas janellas Do templo verdejante as vozes bellas Das aves vão saltando, uma por uma...

Brota do calix humido das flores A harmonia das festas rumorosas, A beatidade santa dos amores...

E o labio da manhã, vertendo sangue, Sugra amorosamente o seio ás rosas E estremece a beijar o lírio exangue!

Rio—1895.

MANOEL LOBATO

Uma Família Romantica

AO DR. GARCIA REDONDO

Em um dos primeiros trimestres do anno de 188... o jornal *Cearense* publicava um interessante folhetim intitulado *O Segredo de Daniel*.

Os correios só de oito em oito dias é que levavam os jornaes á comarca onde o Sr. Mendo habitava uma formosa propriedade. Este senhor, casado, cercado de uma ninhada de filhos, desfrutava do conforto da vida sem a menor preocupação. He chegava um mais mancha e a dois determinados dias da semana.

Depois de ficar ao par das novidades politicas, de apreciar a seu sabor as questões palpitantes do partido, os reptos e as respostas as folhas adversarias, as molinas e as entusiastas adhesões do novos amigos, começava a ler o *Folhetim*.

—Não havia mais o que ler!

Quando, porém, começou a ser publicado *O Segredo de Daniel*, mereceu ser este romance a primeira e mais lida, desejada e ansiosamente esperada.

Foi um grande successo. Chegavam os jornaes, e toda a familia do Sr. Mendo agrupava-se em torno do velho que estremecendo de sentimento começava a ler o romance. Ninguém respirava quasi; a mulher, os filhos, todos de casa acompanhavam automaticamente todos os movimentos do leitor.

O protagonista da historia logo conquistara todas as sympathias.

Era elle um independente agricultor residente em um dos departamentos da França, chamado Daniel.

Casado, acompanhado de duas interessantes criancinhas, vivia muito feliz em sua pittoresca habitação.

Um dia chega-lhe em casa um seu antigo companheiro de collegio, fingesse muito amigo, diz-lhe ser um banqueiro em Paris, pede-lhe a juro todos os seus fundos e, Daniel seduzido pelas grandes vantagens offerecidas mette-lhe nas mãos toda a sua fortuna.

Passou-se muito tempo; o agricultor escreveu ao seu banqueiro e não obtendo resposta decidiu-se ir a Paris; ali, em casa do antigo este insultou-o, elle repelliu-o dignamente; travaram uma luta, resultando o roubo da fortuna de Daniel e a cabeça n'uma trave de ferro e morrer.

Foi com uma magoa dolorosa que todos viram o pobre do Daniel considerado como assassino a correr por uma das principaes ruas de Paris.

—Oh! exclamavam as moças, elle não fora o assassino!

Depois, no julgamento; elle não quiz declarar o seu nome para não envergonhar sua familia.

N'esta parte, por ventura, terminava o romance e tinham todos que andar para outro dia do correio.

Todos estes dias passavam em uma ansiedade immensa. As moças e os moços enternecidos só pensavam na grande infelicidade de Daniel.

—E sua mulher? inqueriam, e seus filhos? como teriam ficado?

—Ah! elles morreram de dor e de veixames sem saber noticia de Daniel!

No dia do correio seguiu logo um portador á cidade para trazer os jornaes, apenas fossem abertas as malas. Si o correio não chegava, oh! todos ficavam impacientes; era uma decepção!

Dizia Clara, a filha mais velha do Sr. Mendo, sempre a mais sentimental, a mais enternecida de todas, —dizia—Si podesse não moraria nestas brevidades!

—Ter a gente que esperar tantos dias para ouvir a continuação de uma historia tão interessante, não conta!

Era o grande acontecimento da

quella casa, a chegada dos jornaes: todos alvoroçavam-se, e ansiosos vinham sentar-se na espacosa sala.

O Sr. Mendo, pallido e tremulo de comoção continuava a ler a interessante narrativa.

Todas as palavras, todos os pensamentos, o fio d'aquella historia suggestionavam o leitor e os ouvintes de uma forma extraordinaria.

Presos nos elos d'aquella endea de sentimentos identificavam-se, uniam-se, sentiam as mesmas impressões, soffriam os mesmos veixames, as mesmas dores que o protagonista do romance.

Cada palavra proferida, cada phrase terminada eram logo comprehendidas e medidas com dor e sentimento.

Daniel foi deportado, condemnado a galé e todos o seguiram no caminho do exilio!

E quando o escriptor tornava-se mais eloquente, mais sentimental, oh! então, as lagrimas borbulhavam em todos os olhos.

Terminada a leitura respiravam alivios nas mais pungentes indagações.

Começava novo martyrio por não saberem logo dos reveses ou das felicidades reservadas a Daniel na travessia das galés.

As discussões politicas não tinham mais significação alguma, ninguém prestava mais attenção áquelle acervo de odiosidades; só Daniel, só as suas desventuras habitavam n'aquelles corações bem formados e puros.

O seu nome andava de bocca em bocca; até as creancinhas sabiam-no proferir.

Aquella historia tomava as proporções de um grande poema de lagrimas.

—Ah! pensava Clara, a pobre esposa, os pobres filhinhos de Daniel, estariam reduzidos á miseria ou teriam morrido de desespero?

—Não sabia o que n'aquella historia era mais triste, mais digno de compaixão;

—Felizmente, todos reconheciam n'aquello pobre homem um verdadeiro homem de bem!

Ainda estava reservado ao martyrio do romance, ao forçado as galés um doloroso incidente. Ao desembarcar na ilha do exilio cahira n'agua e debatia-se desesperadamente quando sentiu-se agarrado por um enorme tubarão que o levou ao profundo do mar.

—Oh! um ruído de dor e de afflicção rompeu de todos os labios!

Todos ficaram suspensos diante d'aquello golpe inesperado reservado ainda pela fatalidade áquelle pobre homem que já lhes pertencia pelo coração e pelo amor.

Gracías, porém, ao valor de um marinheiro, fora milagrosamente salvo. Este trecho foi como um limivo, um balsamo salvador applicado ás feridas abertas ao golpe d'aquella imprevista desgraça. Todos sentiram um salutar alívio!

—Sim, não morrerá! elle não morrerá esta morte!

—Deus é muito justo!

Havia muitas vezes já se repetido esta commoção, scena de lagrimas

O romancista preparava as cousas para o desfecho de sua obra.

Daniel depois de muitos annos por um acto de heroismo, por haver salvo a filha do Governador, alcançara a evasão, fugiu. Foi ter à sua antiga provincia e lá não encontrou mais ninguém dos seus. Procurou saber noticia da mulher e dos filhos e encontrou um velho erizado, o bom Jacques, que lhe participou a morte de sua mulher.

Seguiu-se a sua visita ao cemiterio, ao tumulo de sua querida esposa; ajoelhou-se entre as flores que o bom Jacques plantara e zelava cuidadosamente, e chorou, chorou amargamente.

Nunca a compaixão, a sentimentalidade, chegaram aquelle ponto. Por todos os fôcos via-se deslizar um fio crystalino de lagrimas.

— Como se pode soffrer tanto assim! Pensava tristemente Clara.

Quando Daniel sahio do cemiterio ia como um desvaireado, um louco!

O bom Jacques lhe participou tambem que seus filhos se achavam em Paris millionarios. Descobriram em seus terrenos uma prodigiosa mina de diamantes.

— Restava-lhe esta consolação: na ver os filhos que talvez não quizessem tel-o como pae.

Daniel dirigiu-se a Paris e lá contemplou desconhecido o faustoso e a grandeza de seus filhos.

Passava o dia no grande portão do palacete onde os via sair em soberbas carruagens.

O filho antipathisava aquelle velho mendigo todos os dias no portão, mas a filha tinha commiserção d'elle e dava-lhe esmolas, fitava-o amorosamente.

— Oh! exclamavam todos, como é boa esta moça! nem sabe, nem prevê que elle seja seu pae?!

O velho viu-se obrigado a fazer parte de uma quadrilha de ladrões que pretendia roubar os filhos e na occasião em que todos haviam penetrado no palacio, gritou, pediu soccorro!

Os ladrões dispararam as armas contra elle e fugiram deixando-o como morto.

Foi soccorrido, e a filha que o salvou da reputação de gatinho, tratou-o com todo desvello.

Agora todos esperavam mais ansiosamente ainda o dia do correo para ver como Daniel dar-se-hia a conhecer.

— Ah! todas as suas infellicidades e amarguras seriam largamente recompensadas!

A filha de Daniel achava-se de casamento justo com o filho do banqueiro que havia roubado sua modesta fortuna e o fôto tão infeliz e desgraçado.

A moça não queria o casamento; casava para satisfazer um capricho do irmão.

No dia que, enfim, devia ser celebrado o acto, no meio dos esplendores e deslumbramento do salão quando entregavam a moça a penna toda cravada de brilhantes para assignar o contracto, o velho Daniel magestosamente interrompeu e declarou que

aquelle casamento não se effectuaria jamais.

Contou em poucas palavras a dolorosa historia de sua desventura: e disse que era Daniel!

Os filhos chorando de alegria e de amor correram a lhe cahir nos braços.

Desfez-se o casamento e o pae e os filhos abraçavam-se mais uma vez para reconhecerem que não experimen-

tavam a felicidade mentida de um sonho.

Terminou o romance; e toda a familia do Sr. Mendo n'um assomo de felicidade e de alegria, estromecia de prazer como se tivessem passado por uma gloriosa e radiante transfiguração.

JOSE CARVALHO

(Doa *Perfia Sertaneja*).

Tristeza das arvores

[ROLLINAT]

Oh grandes vegetaes! oh! martyres do estio!
Lyras das virações — os musicos dos ares —
Quer verdes estejaes, quer vos despoje o frio,
O poeta vos adora e vos sente os posares!

Quando o olhar do pintor procura o pittoresco
E' em vos que sacia a soffrega avidez,
Porque vós sois o immenso e formidavel fresco
Com que a terra sem fim cobre a sua nudez.

Quando estala o trovão, e o granizo peneira,
E' a floresta um mar de encapelladas aguas,
E tudo — a faia enorme e a fragil amendocira
Solta nas penetraes lamentações de niaguas.

E vós, que muita vez, silentes como os marmores
Adormeceis bem como as almas sem recato,
Então rugis, torcendo os braços, pobres arvores,
Sob as patas brutaes de elementos sem freio!

Quando a ave os olhos fecha ao verão que aquebranta
Dos vossos ramos vai dormir ao brando affago;
Elles servem de abrigo á pedra e á debil planta
E casam sua sombra a fresquidão do lago.

Só nas noites de maio, aos clarões estrellares,
Aes aromas subits que as caçoulas exhalam,
E que esquecer podeis as dores seculares,
Dormindo um somno bom que os zephyros embalam.

O sol vos cresta e morde, o aquilão vos vergasta,
— Vivos embora — o inverno em frigida mortalha
Vos enge; e como emfim tanto soffrer não basta,
A rir, o lenhador vossas carnes retalha.

Na cidade, no campo ou nas invias devezas,
Onde quer que vivaes, olmos, faus, carvalhos,
Eu fraterniso com as enormes tristezas
Que derramam pelo ar vossos sombrios galhos.

ANTONIO SALLES.

Jose de Alencar

(Discurso proferido na sessão com que a *Central Literaria* commemorou o 18.º anniversario da morte do grande romancista)

Meus Senhores:

Diante da triumphal magestade desta grande festa, grande pelo valor de quem a promoveu e extraordinaria pelo seu motivo, eu sinto que se me ame-quinha, si é possível, a fraca intelligencia, e que me andam n'alma como que num ancioso trabalho de germinação, cousas mysteriosas, pruridos de enthusiasmos indiziveis, pedacos talvez desse precioso germin de

que se fazem as epopéas das civilizações.

Não é falta de vontade, mas falta de talento e de nezação de habilidade que me fazem vir tão mal me desempenhar da honrosa commissão dos meus confrades da *Padaria Espiritual*, nesta solemnisima festa em que, ao claugor das apothecoses, revive em luz esse soberano e extraordinario talento de Alencar.

Mas, como uma salvadora e salutar al-solvência á minha audacia, eno ergo, ha-de cahir sobre o meu desastre a caridosade benevolencia dos que me ouvem.

Meus Senhores:

Na historia das civilizações, na historia de todos os povos, ha sempre

phase de assombrosa e incoerente marcha para o progresso, — como que uma brusca solução de continuidade a cadencia imprudente da rotina, e sob cuja acção porventura machinal todas as forças vivas se agglomiam para, num esforço unico, livremente agirem.

E a desconhecida, a extraordinaria força do genio inicial, o alucinado caminhar através da noite em procura dessa luminosa alvorada, onde deve existir um ideal.

Um homem, muita vez, consubstancia, elle só, todas as forças dessa intempestiva evolução, — triumphante sempre e quasi sempre benéfica.

José de Alencar foi talvez uma destas forças. Quando no Brazil, paiz novo, todo o esforço descancava, como outrora os guerreiros dessa legendaria terra do Roma victoriosa, a sombra dos triumphos dessa nobre conquista da independencia, houve um equilibrado talento de eleição, que, com os clarissimos triumphos do seu estylo soberano, chamou a postos, para uma independencia igualmente preciosa, todas as intelligencias que ainda hoje se batem pela conquista da nossa nacionalisação litteraria.

Ninguém que tenha criterio, ninguém que seja brasileiro, ninguém que tenha nascido nesta valente terra do Ceará, conteste esta verdade: — José de Alencar teve na sua immorredoura obra, a preocupação eterna, a preocupação unica de nacionalisar a nossa litteratura.

Quando lhe não bastasse ser talvez a mais robusta e possante mentalidade desta cohorte de escriptores que o Brazil tem dado, quando elle não aliasse á sua qualidade de patriota o desempenho e a envergadura de artista que o era, bastava para sua glorificação essa constante idé de realisar a nossa independencia artistica, a nossa liberdade intellectual.

Não chegou ainda para nós, — povo que inicia apenas a sua autonomia politica, — o momento de introduzir nas lettras o cosmopolitismo artistico; para uma velha nação gasta, onde se tenha exgotado o sentimento da originalidade, é possível que a universalisação da Arte seja um bem: — não o será, porém, para nós — que temos tudo ainda por explorar, que temos nesta prodigiosa natureza poemas a germinar, — rica diamanteira donde irá tirar preciosa e fecunda semente o arroubo da nossa extranha imaginação de povo poeta.

Glorifiquemos, pois, a esse extraordinario vulto de patriota, corremos de loiros essa possante cabeça de artista, cujas fallas, doces como uma molopéa intangível de astros, cantam ainda hoje nas frondes das carnahubeiras esguias da nossa terra, no maralhoço aciar destes «verdes mares bravios de liquida esmeralda» no coração inteiro desta valente terra do Iracema.

E quando um dia nós — moços que moiramos nesta tarefa de lettras, — formos cançados por essa longa e espinhosa estrada da Arte, quando em nossa alma a2 aninhar o virus de um mortal desalento, voltemo-nos para traz, para o nosso passado, em cujas brumas há de apparecer, radiante e eternamente vivo, esse grande sol que ha de alumiar, mar em fóra a rudeza da nossa travessia.

Ceará 12 — Dezembro — 1895.

ARTHUR THEOPHILO.

AVISO

Pedimos encarecidamente aos nossos assignantes do interior e dos Estados, que se acham em atrazo, o estimavel obsequio de mandarem pagar e reformar suas assignaturas até o fim de Dezembro vindouro afim de que não lhes seja interrompida a remessa d' *O Pão* de Janeiro em diante. Para este importante assumpto chamamos a attenção de nossos prestimosos correspondentes e agentes.

Outrosim: — prevenimos que, a começar de Janeiro de 1896, não attendemos a nenhum pedido de assignatura que não venha acompanhada da respectiva importancia. Fiquem, pois, avisados os nossos numerosos leitores.

RECORDAÇÕES

Quando mais busco no esquecer, é quando Mais na minha alma aviva-se a lembrança Desse dia em que, pallida creança, Adeus! disseste-me a tremer, chorando...

Depois, tanta saudade... a declinar A tarde começava; e, lento lento... As velas soltas á mercê do vento, O navio se foi, sulcando o mar.

As guivotas roçando as agitadas, As espiantadas e bravias vagas, Jam, em busca de longinquas plagas, Perder-se além, nas nevoas afastadas...

Longe... quous aves brancas, erradias, Vinham surgindo as pequeninas velas Das jangadas mais lentas e tardias, Que regressavam do vagar e belles.

E o navio perdia-se, no entanto, Na vastidão tristissima das aguas... E entinha o peito a transbordar de nuaguas. E tinha os olhos humidos do pranto.

ANTONIO DE CASTRO.

Agosto—95.

BIBLIOGRAPHIA

Frondeas, por Bento Ernesto Junior: — Laemert & C^a, editores. — Rio de Janeiro — 1895.

Temos sobre a banca, já lido e gostosamente saboreado este livro de versos do joven poeta mineiro Bento Junior a quem a Padaria Espiritual tem o prazer de contar entre seus socios correspondentes.

Triumphal tem sido o trajecto dos *Frondeas* pelo mundo da critica, e a nossa palavra só pode ser mais uma nota encomiastica nesse concerto de merecidos encomios.

A Forma, a suprema preocupação dos versajadores de hoje ainda não tem em Bento Ernesto Junior um lapidario con-

sumado: a Poesia, porém, como linguagem do sentimento tem n'elle um paladino apaixonado, moço e delicado como todos os que vivem pelo coração.

A sandade, *o gosto anverso* de *Edessa*, inspira grande parte das composições do livro, um livro sincero, simples e profundamente sentido.

Sombra e luz, *Despedida*, *Paraíso Perdido* e *A primeira carta* são peças delicadas quer pela correção da forma quer pelo encanto da idéa.

O Pão, que se orgulha de ter publicado em primeira mão algumas poesias das *Frondeas* envia seus parabens ao diligente poeta e faz votos para que seu estro conquiste em breve um lugar entre os primeiros poetas da litteratura brasileira.

Talento e sentimento não lhe faltam: a questão é somente andar para diante rumo da perfeição com que sonham os espiritos superiores.

12 — Dezembro. 95.

M. J.

Rapto

A ANTONIO SALLES

Li de manhã n'um diário Que a filha de certo agente Fugira do lar, contente, Sem a benção do vigário.

E me fiquei a pensar... Tal como a filha esquecida, Também minha alma perdida Fugiu-me por teu olhar...

M. R.

Ceará, Nov. 95

Imprensa Litteraria

O *CENACULO* — fasciculo — 7.º — Cada vez mais bem orientada e interessante continua essa bella publicação paranaense. O presente fasciculo tanto tem de variado como de atrahente. Acompanha o o retrato e biographia do exequito poeta belga Ivan Gilkin, autor da *Damnatio do Artista* e do *Satan*, dois livros suggestivos onde vibram os nervos de um torturado e tresloucado pela arte moderno. Dario Velloso, Silveira Netto, Jean Itiberé, Julio Pernetta e Romario Martins firmam magnificos trechos de prosa e verso nesse numero do *Cenaculo*, que está, como já dissemos — variado e bom.

— REVISTA DO INSTITUTO DIDACTICO, fasciculos 1.º, 2.º e 3.º — Sob a e heriosa redacção da Dra. L. Duque-Estrada e Landelino Freire iniciou sua publicação, ha pouco, na Capital Federal esta util e importante revista, cujos tres primeiros fasciculos accusamos penhorados o recebimento. Dispondo de um vasto numero de eruditos e illustados collaboradores a «Revista do Instituto Didactico», dispõe de meios seguros para prestar relevantes serviços ás lettras, ás sciencias e ás artes brasileiras.

Os dois numeros que temos á vista estão repletos da mais selecta collaboração, offerecendo leitura variada e instructiva, firmada por homens da estatura mental dos Drs. Homem de Mello, Alfredo Gomes, Urbano Duarte, Landelino Freire, L. Duque Estrada, Ma-

noel Curvello, Hemeterio dos Santos e outros.

Que o favor publico não lhe falte — nam o desanimo invada os seus dignos e corajosos redactores é o mais que podemos nugurar à collega, a quem agradecemos, e retribuirmos a visita.

—CLUB CURITIBANO, numero 17—
Optimo o presente numero desta revista paranaense. Boas prosa, bons versos; esta não só variado e interessante como ameno e sympathico o collega.

—A JANDAIA, n.º 4 A classe estudantil distribuiu mais um numero da sua sympathica revista que está como os anteriores—bem feito.

Traz um magnifico conto de José Carvalho, versos de Fiusa de Pontes e Eurico Facó, e um revelador trecho de prosa de Antonio A. da Justa. Outras produções de não menos valor enchem as oito paginas da «Jandaia».

—MALA DA EUROPA, está magnifico o presente numero desta boa publicação portugueza. Traz na primeira pagina uma bella allegoria representando a Republica com um ramo de Oliveira—homenagem à pacificação do Rio Grande do Sul, e nas paginas centras estampam os retratos do Dr. Prudente de Moraes e do ministerio brasileiro.

Escolhida a collaboração litteraria e variadissima a parte noticiosa.

A todos os collegas asseguramos a maior pontualidade no fornecimento d'O Pão.

SATYRO ALLEGRETE.

O somno do coração

Silencio na rua. Que longa tristesa
Paira no ar frio e pezado:
Oh, lua de Junho, que incutes tristesa
Como um castello abandonado:
Como a visão de um mão passado,
Como uma vela ao dia acceza!

Nas telhas das casas distantes, selintilas
Polen de prata do infinito!
Oh, lua de Junho, das tuas pupillas,
Silenciosa, sem um grito
Deixas rolar o pranto afflicto
Em ondas claras e tranquillas.

O vento tardio da noite murmura
No campanario abandonado.
Oh, lua de Junho, tão triste, tão pura
No teu roupão auri-lavrado,
E's como um cravo desbrochado
No azul monotono da altura

As aves nocturnas, piando, na Igreja
Roçam co'as azas nos altares.
Oh, lua de Junho, no alto sobeja
A luz que a deixas, pelos ares,
Em focos, ir cahir nos mares
Onde as espumas têm inveja.

Naquella janella sonhando no relento
Deixei flear meu coração,
Oh, lua de Junho, zombando do vento
Cantando a mystica canção
Do seu amor, cheia do unção
E do pesar, como um lamento!

De tarde, que ainda não era o sol posto
O fui deixar n'essa janella
Oh, lua de Junho, vieste, e no posto

Como uma bõa sentinella
Achasto-o ainda, que hora aquella!
Inda a velar ao frio exposto

Faz frio. Que importa que gele a neblina
Quando se dorme e sonha e esquece?
Oh, lua de Junho, si a morte fulmina,
O somno as dores adormece!
Oh, coração, dorme

Parece

Que uma mulher o affaga e nina!—

—Juho—Dei—

LIVIO BARRETO.

CARTEIRA

THEATRO

Até Janeiro proximo vai o nosso publico delectar-se com os bons espectaculos da Companhia Internacional de Variedades Fantasticas que ha muito faz as delicias do publico fluminense, no theatro «Apollo» do Rio.

Os jornaes da Capital Federal tecem os mais francos elogios aos espectaculos da Companhia de Variedades, o que nos leva a crer que vamos ter boas e agradaveis noites de diversões. Cumpre-nos salientar que pela primeira vez vão trabalhar no S. Luiz artistas no genero, peritos em fantazias e magicas e senhores de um repertorio inteiramente novo para nossa platéa.

Acham-se abertas assignaturas para lo espectaculos, no Preço Fixo dos Sr.ª Braga Filho & Comp.ª, a rua do Major Facundo n.º 41.

CLUB RECREATIVO PORANGABENSE

Assistimos hontem a partida mensal do Club Recreativo Porangabense, da qual trouxemos as melhores impressões. Ao amavel director da mez, Sr. Antonio Braga, agradecemos a gentileza do convite.

JOSÉ DE ALENCAR

O Centro Litterario commemorou o 18 anniversario da morte de José de Alencar com uma sessão solemne no Palacete da Assembléa Estadual, na noite de 12 do corrente.

Fizeram-se representar todas as nossas associações de letras e diversas outras corporações.

Foi orador official da festa a nosso illustrado collega do *Diario do Ceará*, Dr. Justiniano de Serpa, que leu um formosissimo discurso.

Fizeram-se ouvir diversos outros oradores entre os quaes o nosso collega Arthur Theophilo, pela Padaria Espiritual e cujo discurso vai publicado noutra parte.

Modesta mas encantadora significativa a festa do Centro Litterario.

ULYSSES BEZERRA.

No dia 6 deste fez annos o Ulysses. Não nos é permitido dizer quantos, mas podemos afirmar que elle já fez... vinte.

A data natalicia de tão adoravel companheiro não podia passar *in albis*, e assim festejamo-la com um almoço que lhe offerecemos em casa do Sabino, que

é ao mesmo tempo escriptorio d'O Pão (a casa, e não o Sabino).

Sentaram-se à mesa, de que a victima occupava o lugar de honra, José Carlos Junior, J. de Serpa, Mello Pezende, Arthur Theophilo, Sabino Baptista, Roberto de Alencar, José Carvalho e Antonio Salles.

A sala achava-se garridamente ornamentada de palmas e flores naturaes que serviam de moldura a numerosos retratos de homens de letras.

Em uma das paredes lateraes havia um formoso ramillete de rosas donde pendia em forma de laço um numero d'O Pão impresso em seda branca.

O charlino, artisticamente calligraphado por Luiz Sá constava do seguinte:

Hors d'oeuvre

Mayonnaise de lagosta a Ulysses, «o angelico»

Poisson

Pescado nuevo à J. de Serpa.

Entrée

Gallinha italiana à «Diario do Ceará».

Roast beef à Arthur Theophilo.

DeSSERT

Creme à Rod. d'O Pão.

Pinading à Antonio Salles.

Vins: Collares, Vermouth, Porto, Chartreuse, Café—Chá.

Correu jovialissimo o almoço, entre um esfusiar de bons ditos dos quaes era sempre novo o manifestado.

Emfim a festa de 6 de Dezembro foi digna do estimabilissimo rapaz que é o Ulysses.

WALDEMIR CAVALCANTI

De sua excursão ao sul regressou no dia 13 do corrente este nosso presadissimo companheiro.

Com grande anciedade era elle esperado e com grande jubilo foi abraçado pela muita gente que o estima com toda a intensidade de affecto que elle sabe despertar na alma dos que o cercam.

O almoço de recepção realisou-se em casa de seu cunhado Alberto Ferreira, que a todos dispensou o mais captaivante tratamento.

A tarde seguiu com sua Exm.ª familia para Villa-Tolstoi, a sua deliciosa vivenda suburbana.

Da sua rapida excursão ao sul da Republica traz o Waldemir interessantes impressões que nos referiu com o fi o brilhantismo que faz o encanto de suas palestras.

Além dos abraços que já lhe demos de corpo presente, recebe o querido amigo mais este que lhe enviamos em letras de forma.

D. GUIDINHA DO POÇO

Offerecemos hoje aos nossos leitores uma boa amostra d'esto suggestivo romance de Oliveira Paiva em via de entrar para o prelo.

Pelo capitulo quarto que vai n'outra parte publicado podem os leitores avaliar do estilo e originalidade da *D. Guidinha do Poço*, ultimo trabalho do inolvidavel romancista cearense.

PREPARADOS PHARMACEUTICOS

DE

A. GONZAGA

ELIXIR ESTOMACAL E PILULAS DIGESTIVAS. Unicos medicamentos do Ceará aprovados pela Inspectoria de Hygiene do Brazil e premiados na grande Exposição Universal Columbiana de Chicago. São verdadeiros medicamentos contra as molestias do estomago:—Falta de appetite, fraqueza e dores de estomago, digestões difficeis, azias, flatulencia, pezo de cabeça, tonturas, enxaquecas, somnolencia depois da refeição, etc.

PEITORAL DE JUCA, COMPOSTO. O melhor medicamento contra as molestias do peito: —Bronchite chronica, tosses rebeldes, escarros de sangue, tísica, etc.

XAROPE ANTI-NERVOSO. E' de uma efficacia incontestavel em todas as exarcebacoes do systema nervoso:—Epilepsia, ataques hystericos, palpitações no coração, neurasthenia, vomitos das mulheres gravidas, e coqueluche, etc.

QUINA GONZAGA OU VINHO DAS TRES QUINAS. Poderoso tonico e febrifugo. Contra fraqueza geral, anemia, etc. Mui util como preservativo das febres intermitentes ou sezões e nas convalescenças.

XAROPE DE IODORETO DE CALCIO E EXTRACTO DE NOGUEIRA. Empregado com muita vantagem no começo da tuberculose, lymphatismo, chlorose, glandulas enfiadas e nas molestias de origem escrofulosa.

XAROPE DE ESTIGMAS DE MILHO E BENZOATO DE LITHIO. Medicamento muito efficaz contra affecções catarrhaes da bexiga, na lithiasis renal (calculi ou pedras), rheumatismo gottoso, e engurgitamentos.

TINTURA DE SALSA PARRILHA COMPOSTA. Purificador do sangue empregado com grandes resultados.

GOTTAS ANTI ODONTALGICAS. Contra dores de dentes, allivio certo, cura quasi sempre.

INJECCÃO ANTI-BLENORRAGICA. Cura em pouco tempo blenorrhagias recentes ou chronicas.

PÓS DENTRIFICOS. Alveão e conservação os dentes e perfumão a bocca.

TINTA PARA MARCAR ROUPA. Preta e indelevel.

Todos estes medicamentos achão-se a venda na pharmacia Gonzaga.

80—Rua do Major Facundo—80, Ceará.

OLIVEIRA ROLA

Agente de

LEILÕES

Encarrega-se de vender mercadorias, moveis, terrenos, casas, etc., tudo em condições vantajosas.

20 Praça do Ferreira, 20

Telephone 28

GRANDE LOJA DE JOIA

A MAIS ANTIGA DESTE ESTADO

Jóias de ouro, brilhantes e pedras preciosas de todas as cores. **Relógios** de ouro, de prata e nickel, para algebeira, ingleses, americanos, suíços etc, etc, **Relógios** para dadas e banca, despertadores de todos os preços. **Lunetaria** superior de vidraça e graduada (branca e de cores). Objectos para presentes: o mais chic e variado sortimento que se possa desejar.

Vendas garantidas, preços sem competencia.

Jacques Weil & C.

RUA DO MAJOR FACUNDO 70

Estrella do Oriente

Este emporio de modas continúa a afirmar a sua já reconhecida superioridade, recebendo por todos os vapores tudo o que a industria europeia produz de mais fino e mais elegante. A «ESTRELLA DO ORIENTE» avanta-se pela esmerada escolha dos seus artigos os quaes não se confundem com as vulgaridades que infestam o nosso mercado.

Assim quem quizer um artigo de *bom gosto* não tem mais do que procurar a

«ESTRELLA DO ORIENTE»

52—Rua do Major Facundo—52

Aguilar

Esta afamada e importante loja de modas acaba de receber as ultimas novidades que a elegancia parisiense tem inventado ultimamente.

Tudo o que ha de mais moderno em artigos de luxo acaba de chegar para este conhecido estabelecimento, onde a mais chic *demoiselle* e o mais exigente *dandy* encontrarão com que satisfazer os seus extravagantes caprichos, procurando o que precisam na AGUILAR.

69, RUA MAJOR FACUNDO 69

TYP—STUDART—Rua Formosa n. 16.